

CINEMA, ENSINO DE ARTE E CONSTRUÇÃO DO OLHAR - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Sílvia Lílian Lima Chagas¹

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil²

RESUMO: O presente estudo encontra-se ainda em fase de construção e representa o anseio dos pesquisadores em contribuir com a formação de educadores (as) relacionando-a ao cinema, ensino de arte e a construção do olhar crítico nas aulas de artes visuais do ensino médio integrado por meio de considerações teórico metodológicas. Nesse sentido, serão abordadas construções sobre ensino de Arte e a arte de ver cinema, cinema e educação – considerações sobre a experiência de ensinar e aprender, Curta no IFMA: uma experiência educativa com o uso do cinema, e ainda, tecnologias de informação e comunicação e a construção do olhar e por fim, cinema e imersão crítica – considerações metodológicas, visando com isso, contribuir com o fazer dos professores de artes visuais e o uso do cinema no espaço escolar.

Palavras-chave: Cinema. Ensino de Arte. Metodologias.

ABSTRACT: The present study is still under construction and represents the researchers' desire to contribute to the formation of educators by relating it to cinema, art teaching and the construction of a critical eye in high school visual arts classes integrated through theoretical methodological considerations. In this sense, it will be approached constructions about teaching of Art and the art of watching cinema, cinema and education - considerations about the experience of teaching and learning, Short on IFMA: an educational experience with the use of cinema, as well as information technologies and communication and the construction of the gaze and, finally, cinema and critical immersion - methodological considerations, aiming with this, to contribute to the teachers of the visual arts and the use of cinema in the school space.

Keywords: Cinema. Art Teaching. Methodologies.

¹ Especialista em Educação Especial (UFMA), professora do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão. E-mail: lilian_arte@ifma.edu.br

² Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP), comunicólogo, professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão. E-mail: ramuzyo@ifma.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo, ainda em fase de construção, representa o anseio dos pesquisadores em contribuir junto a formação de educadores (as) em relação ao uso do cinema como ferramenta pedagógica para a construção do olhar crítico dos estudantes. Para tanto serão realizadas reflexões em torno do Cinema e Educação – considerações sobre a experiência de ensinar e aprender, problematizações sobre as tecnologias e a construção do olhar, e por fim, ponderações sobre imersão crítica e cinema na escola - considerações metodológicas.

O cinema contribui para construção do olhar como uma experiência reflexiva que pode e deve potencializar a estruturação de processos formais e políticos na educação. A mediação pedagógica com o uso dessa linguagem deve ser sistematizada e fundamentada no sentido de preparar, acompanhar e promover desdobramentos que permitam aos educandos experiências que propiciem reflexões profundas que lhes toquem, e que ao fazer isso, tornem-se experiências significativas.

Mediar pedagogicamente o cinema antes, durante e depois da experiência subjetiva de assistir a um filme, forma o cidadão de maneira crítica, reflexiva e contextualizada. Desse modo, oportuniza uma rede de significados que instrumentalizam uma formação cidadã, aquela que não prepara para a vida, mas sim, se torna a própria vida.

A relevância desse estudo é contribuir para que o processo educativo seja algo rico e que se estruture a partir de questionamentos reconstrutivos. Assim, a mediação por meio o cinema permitirá que os sujeitos dessa ação tenham sua capacidade reconstruída com base num instrumental formador de autonomia, com visões de dentro para fora e de baixo para cima, proporcionando a construção social de um sujeito total nos moldes humanísticos da educação.

A problemática norteadora do presente trabalho é saber quais são as metodologias desenvolvidas pelos professores de artes visuais do IFMA para a utilização do cinema em sala de aula?

Tendo em vista esse alcance, busca-se verificar se os professores de artes visuais usam o cinema em suas aulas, identificar qual a formação desses professores em relação ao cinema, relacionar construção crítica do olhar e mediação por meio do cinema, analisar o perfil do educador em relação às tecnologias de informação e comunicação (TICs) e sugerir teorias e metodologias que permitam aos professores desenvolver práticas no ambiente

escolar com o uso do cinema em sala de aula que ampliem a visão de mundo de seus alunos e dos próprios educadores, que no desenvolvimento das mediações pedagógicas com as construções fílmicas também aprendem.

Vivemos num contexto de constantes e grandes transformações em todos os aspectos e setores, inclusive no âmbito educacional. Desse modo, surgem novas demandas, exigências e competências a serem atingidas em especial pela figura do professor, que para acompanhar esse cenário precisa de formação constante, com ênfase nas tecnologias de informação e comunicação, pois os seus alunos são nativos da era digital.

O conhecimento hoje não é mais apenas transmitido em sala de aula, a informação é acessível em qualquer lugar, a aula realizada por meio da instrução já não tem sentido. Assim, os estudantes são orientados pelo professor de forma que possam desenvolver seus questionamentos reconstrutivos a partir do conhecimento que eles já possuem. Trata-se nesse sentido, de promover a reconstrução do próprio conhecimento do estudante. E, para que isso ocorra em relação ao uso do cinema em sala de aula o professor também precisa reconstruir seus próprios questionamentos em torno da linguagem cinematográfica.

O cinema no âmbito educacional na grande maioria das vezes se apresenta de forma simplificada, relegado a uma apreciação passiva, seguida de um texto sintético sobre o filme assistido, ou ainda dos aspectos que mais chamaram a atenção do estudante-espectador. Nesse sentido, ele passa por uma experiência com a construção fílmica que de fato não lhe toca, não lhe deixa marcas significativas, e com isso, não o leva desenvolver questionamentos reconstrutivos a partir das interações com o filme. Desse modo o estudante experiência uma vivência superficial.

O delineamento da investigação partirá de pressupostos qualitativos com base no método da pesquisa ação. Nesse contexto, compreende-se que este tipo de pesquisa pode ser uma oportunidade de formar os pesquisados, afim de que transformem os problemas que enfrentam, pois a pesquisa-ação visa uma interferência no mundo desses indivíduos.

Para a etapa inicial desta pesquisa foram aplicados questionários junto a professores de artes da educação básica com perguntas abertas sobre o que é o cinema como recurso didático? Qual a ligação dessa linguagem com a sala de aula? É possível desenvolver a criticidade do aluno a partir do uso de cinema em sala de aula? Qual a relação dos professores com as tecnologias de informação e comunicação? Quais metodologias e teorias o professor utiliza para desenvolver a mediação por meio do cinema em sala de aula?

2. ENSINO DE ARTE E A ARTE DE VER CINEMA

O Ensino de Arte representa no contexto da educação um diferencial por sua capacidade de dialogar com muita fluidez com as mais distintas áreas do saber. Educar por meio da arte é possibilitar a sensibilização das relações estéticas no âmbito escolar, dotando os estudantes em formação de um senso crítico apurado, capaz de lhes permitir uma melhor elaboração sobre sua visão de mundo e das diversas transformações que ele vem sofrendo. Assim, segundo Ferraz e Fuzari (1992 p.15):

A educação através da arte é um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence.

De acordo com este modo de pensar a arte se constitui num elemento formador da expressividade do educando, uma vez que aguça o material sensível que permeia o ser humano, o que justifica o princípio de que, sendo o homem um ser criativo por natureza, deverá ter em seus processos educacionais, independente de qual seja o nível escolar, sua sensibilidade potencializada por meio de um ensino estimulador, que lhe permita ver, ouvir, e acima de tudo, construir suas próprias expressões artísticas, a partir de suas aprendizagens no âmbito formal, informal e despertando, com isso, sua consciência individual de forma harmônica frente ao grupo social do qual ele faz parte.

O ensino de arte oportuniza aos estudantes ampliação de seu potencial sensível e crítico, uma vez que por estes se tratarem de indivíduos com um interesse peculiar pelas tecnologias de informação e comunicação, precisam ter em seus processos de desenvolvimento de aprendizagem mediações com o uso dessas ferramentas, que dessa maneira os estimulem com vistas a novas conexões em torno dos múltiplos saberes.

Nesse contexto é fácil compreender como o cinema, que surgiu como forma de entretenimento, vem ganhando espaços cada vez mais amplos de discussão e de produção no âmbito educativo. Isso se torna de fácil compreensão quando explicado a partir da dialogia entre arte, tecnologia e o fascínio despertado pela mobilização da construção fílmica numa confluência entre arte, linguagem e conhecimento.

A respeito do surgimento do cinema e de seu impacto na sociedade, Benjamim (1939) diz que seu nascimento oportunizaria na era da reprodutibilidade técnica outra consciência. Nesse contexto, outras formas de se pensar o ver e o enxergar.

Assim, o cinema na educação corresponde a formas de poder contar histórias com imagens, sons e movimentos que possibilitam aos estudantes um mergulho profundo nas filmografias, distanciando-os de todo o resto, permitindo-lhes assim, uma imersão crítica que dialoga diretamente com suas próprias consciências.

Acerca do uso do cinema na sala de aula, Napolitano (1999) afirma que ficção ou documentário é resultado de um conjunto de saberes, escolhas, recortes e perspectivas, que envolve um leque de profissionais e interesses comerciais, ideológicos e estéticos. Desse modo a prática docente em cinema, deve segundo o autor listar, decodificar, essas escolhas e problematizá-las, Napolitano (1999). Oportunizando assim, reflexões profundas capazes de levar os estudantes a imersão junto ao filme capaz de lhes oportunizar intimidade com a obra e a construção de novos olhares sobre a vida e sobre o seu papel no mundo.

2.1 Cinema e educação – considerações sobre a experiência de ensinar e aprender.

A relação entre cinema e educação nasce do fascínio que o ser humano possui pelas diferentes linguagens da arte que nele são expressas: visuais, sonoras, audiovisuais, dramáticas, literárias, trazidos pelos filmes, além dos aspectos, históricos, políticos, sociais e econômicos.

Trata-se de uma poderosa ferramenta educativa e nesse sentido é indiscutível seu alcance para a construção do olhar sobre as imagens nas sociedades contemporâneas. Mas, para que ele cumpra esse papel pedagógico é necessário que haja um pensar e um repensar sobre essa prática em sala de aula a começar pela formação dos educadores. De acordo com Carvalhal (1998, P.21):

Duarte (2002) aponta que somente a partir dos anos 1980 os estudos começaram a questionar a concepção de recepção, tida, até então, como passiva; percebendo-se a possibilidade de uma visão ativa, que valoriza o sujeito social com seus valores, crenças e saberes, ou seja, sua cultura a qual participa dos processos de produção de significados.

Para que haja de fato uma ruptura com essa visão passiva frente ao cinema na educação, é importante que se busque novas formas de mediação pedagógica que sejam para além da mecanicidade alienadora e alienante.

Assim, é necessário que os educadores passem por formações reconstrutivas sobre o cinema como conhecimento em sala de aula, com vistas à promoção de aprendizagens significativas. Segundo Duarte (2002, p.17), “ver filmes é uma prática social tão importante do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas quanto à leitura das obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

É importante que o cinema na escola seja para além da prática social, sendo mediado de forma crítica, fomentando ampliação de vocabulário cultural, de leituras subjetivas sobre a arte e a vida, mas principalmente fortalecendo a dimensão do olhar num contexto de contraponto aos “olhos que perderam a capacidade de olhar” (BENJAMIM, 1996, p.32).

2.2 Curta no IFMA: uma experiências educativas com o uso do cinema

O projeto Curta no IFMA, realizado por professores e técnicos do campus Monte Castelo em cooperação técnica com os campi do Centro Histórico e de São Jose de Ribamar, foi uma experiência de extensão com base em ensinar e aprender com a prática de cine-educação, realizado em duas edições, sob a coordenação da autora deste artigo e em parceria com a empresa Dupla Criação de Propaganda e Publicidade na condição de colaboradores externos.

O objetivo do projeto foi estimular e qualificar alunos do ensino fundamental, educadores e comunidade em geral, de forma a ampliarem seu potencial crítico e sensível por meio da apreciação estética e produção de curtas-metragens com a temática Arte e Cultura maranhenses.

Na primeira edição foram escolhidas escolas públicas, uma escola do bairro Monte Castelo, Barbosa de Godois e duas do bairro São José de Ribamar, a escola C.E.M Estado da Guanabara e o próprio campus do IFMA para assistirem aos curtas “Joca e a Estrela, Balaiada – a guerra do Maranhão e Pequena história de Ana Jansen” e conversarem com os autores Beto Nicácio e Iramir Araújo, num processo de formação de plateia. Na segunda edição foi realizado um curso Básico de Desenho de Animação para a comunidade em geral e professores do IFMA, culminando com a produção de curtas que já estão circulando em eventos educativos.

Assim, arte e cultura do Maranhão se entrelaçaram e fortaleceram a identidade cultural dos envolvidos, contribuindo como processo de democratização da educação.

Nessa perspectiva trabalhar o cinema na educação converge com os quatro pilares da educação: Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, definidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), tendo ainda como fio condutor Os Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte, além das referências de Duarte (2002), Cinema e educação, assim como, Napolitano (2008), Como usar o cinema na sala de aula e ainda Silva (2007), Silva, Roseli (2007).

Assim, ficou evidente que experiências com o cinema na escola promovem aprendizagens que formam cidadãos críticos, reflexivos e atuantes frente aos desafios que permeiam as relações cotidianas, alcançando o verdadeiro sentido e relevância do empoderamento que tem aquele que possui o saber, que conhece, e que com isso, se percebe melhor enquanto sujeito que é consumidor, mas que também é produtor de bens culturais, estimulando pelo sentimento de pertencimento oriundo das ações desenvolvidas pelo projeto Curta no IFMA.

2.3 Tecnologias de informação e comunicação e a construção do olhar

A estrutura social vigente é cada vez mais interligada a partir das conexões em rede. Nesse contexto é possível chegar a qualquer lugar a partir de qualquer ponto, apenas ao tempo de um acesso, que tanto pode ser realizado por meio de um celular como de um computador, que permitem ao usuário consultar informações em sua língua materna, bem como em outra por ele desconhecida e encontrar de forma simultânea ferramentas que executem sua tradução.

Desse modo, a língua já não é uma barreira, existem aplicativos diversos, inclusive gratuitos, bem como tutoriais que ensinam aos usuários um pouco de tudo, de aprendizagens simples do cotidiano a equações complexas.

Assim, a tecnologia possibilita o acesso a imagens, museus virtuais, livros, dissertações, teses, filmes do circuito oficial ou amador, antigos ou ainda nem lançados. Enfim, a outras culturas e saberes, a velocidade com a qual é possível acessar essas e outras informações e compartilhá-las por meio de seus espaços e comunidades virtuais se dá tanto de forma sincrônica, aquela cujos dados são obtidos em tempo real e de forma assíncronica, aquela que nasce do contato com documentos e outras fontes relacionadas a períodos já decorridos.

Nesse sentido, esse espaço onde os navegadores não só tem acesso para ler e ver como também produzir e interagir em rede. Essa construção cultural digital é chamada de “ciberespaço” e ao ligar todas as partes do planeta, vem impactando as mais distintas esferas das sociedades, com ênfase no cenário educacional e nesse sentido, no perfil do professor, que precisa caminhar em consonância com essa realidade, que na maioria das situações é de descompasso, pois, se por um lado, o educador em sua grande maioria não possui um perfil digital, não possui familiaridade com as TICs, por outro, seus aprendentes são nativos desse ciberespaço.

Nessa perspectiva, defende-se a importância da formação continuada desses educadores, principalmente em relação às TICs, que são tão naturais à maioria dos educandos, e com isso, ampliar o leque de atuação do professor em relação às mídias e aos audiovisuais, como o cinema, que é uma construção pautada no encontro entre arte, tecnologia e a construção do olhar crítico dos estudantes. Com vistas a uma construção significativa de novas formas de construir o olhar, numa ótica que se dá para além da mera passividade, dentro de um contexto da formação de outras consciências sobre o que é visto, Silva (2015, p.11) discorre a formação continuada dos professores:

Os professores precisam conceber maneiras de estar a todo o momento se atualizando, inovando suas metodologias de ensino, suas práticas pedagógicas. Portanto, é vital haver uma busca intensa de novas aprendizagens. Não é mais possível acreditar que os estudantes de hoje não possuem esse ou aquele conhecimento, que vão para a sala de aula porque não sabem de nada e o professor como grande mestre, vai para passar o saber. Em muitos aspectos os estudantes sabem tanto quanto o professor; e é imprescindível utilizar isso para o crescimento dos alunos.

Sobre a formação continuada de educadores Cipolini (2008, p.77) afirma:

Que ela ocorre em duas situações: a inicial e a continuada, a primeira constitui a exigência de se exercer a função, e a segunda depende, por um lado, da opção e disponibilidade do professor, e por outro, da oferta e custo dos cursos e palestras, portanto não é obrigatória.

Mesmo não sendo obrigatória, destaca-se a importância dessa formação continuada, pois da relação entre sua participação em eventos educativos que lhe oportunize revisão conceitual de suas teorias e práticas, de sua interação com os outros colegas professores na escola e de sua própria experiência docente é que a construção do seu olhar

enquanto educador será potencializado e como consequência sua interferência junto aos alunos terá alcance significativo.

As Tecnologias da Informação e Comunicação-TICs criam técnicas e recursos que devem ser utilizados como objetos de aprendizagens para que o ensino se torne compatível com o perfil dos estudantes nativos do ciberespaço, da contemporaneidade, dotados em sua maioria, de familiaridade com essas ferramentas.

Um exemplo do uso desses recursos na educação é o cinema, que devidamente mediado gera empatia e identidade junto aos aprendentes que dialogam com essa experiência de forma imersiva.

Nesse sentido, é fundamental que o professor seja um articulador entre os estudantes e essas tecnologias, promovendo um ambiente propício para a criação de novas aprendizagens pautadas numa criticidade que lhes permitam um olhar para além do que é visto de forma imediata, muitas vezes reduzida a uma prática mecânica que não cumpre a função de educar o olhar, mas sim de alienar os processos educativos no que tange ao uso do cinema, da construção do olhar e sobre a imersão crítica no espaço escolar.

Desse modo, a sala de aula, que não necessariamente é uma sala, pode ser inclusive forma dos muros da escola, corresponde a espaço cheio de possibilidades onde histórias são contadas, construídas, reconstruídas e desconstruídas com o objetivo de promover aprendizagens.

Assim, o cinema é uma contação desenvolvida com sons, imagens e audiovisuais que contribuem para uma formação mais envolvente, com alcance histórico e social que dinamizam e potencializam o cotidiano da escola, e com isso, oportuniza uma formação integral dos sujeitos. Para Fresquet (2010), são muitos os frutos gerados do encontro entre o cinema e a escola.

Aprender a ver e fazer cinema significa também sensibilizar o intelecto, restaurar o valor da memória e da imaginação, da ativação do afeto e das sensações no ato de aprender. Encorajar o fazer pressupõe ainda aproximar o professor e o estudante do artista, promover o diálogo e o encontro entre os atores da educação e do cinema para fazer emergir a arte. (FRESQUET, 2010, p. 02).

O cinema na educação modificou a forma de utilização das imagens, que deixaram de ser estáticas. E nesse sentido se tornaram dinâmicas. Segundo Carvalhal (2008) a linguagem imagética disponível antes era somente através de livros, fotografias, gravuras e pinturas, que permitiam, dessa maneira, que o aluno conhecesse as diferentes culturas do país e do mundo.

A partir dessa mudança a educação se tornou mais lúdica e atrativa, sensibilizando a intelectualidade, reelaborando a memória, a capacidade crítica e sensível dos estudantes, além de suscitar o desejo desses estudantes não somente verem e refletirem, sobre a arte, mas também de produzirem sua própria arte, sua própria construção fílmica. Sobre uma educação por meio do cinema, Duarte (2002, p.126) afirma que:

Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para que possamos transitar em diferentes campos sociais. A imagem em movimento tem relação com aquilo que somos, com nossas identidades, o que nos remete a uma reflexão sobre a importância da linguagem audiovisual na nossa sociedade. Valoriza-se muito, o que nos remete a linguagem escrita e a importância de conhecermos obras literárias, bem como seus autores, mas a leitura de imagem e a prática de ver e analisar filmes é de extrema relevância e importância para o nosso cotidiano.

Nesse sentido, ressalta-se a importância do exercício da leitura de imagem e da prática de construção analítica de filmes no processo ensino-aprendizagem, onde o educador deve mediar esse processo lançando mão de sua vivência acumulada e de sua experiência como docente especializado em artes visuais com vistas a uma compreensão para além do filme como ilustração de conteúdos didáticos, abordando das construções audiovisuais, seus elementos específicos e as entrelinhas das produções cinematográficas.

2.4 Cinema e imersão crítica – considerações metodológicas

É importante que o educador conheça os elementos compositivos do filme e seus significadores, pois dessa forma sua condução pedagógica se torna mais profunda e promotora de aprendizagens dotadas de senso estético e de um olhar crítico apurados. A esse respeito Napolitano discorre:

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, pois na escola o professor atua como mediador, propondo leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. (Napolitano, 2006, p.15)

Educar por meio do cinema é assim, aprofundar leituras, estabelecer pontes significativas entre o aparato sensível e o emocional dos alunos, de forma a contribuir com a

construção e reconstrução de saberes que estão relacionados ao texto e ao contexto das visualidades com as quais esses educandos se deparam tanto na escola quanto fora dela.

A figura do educador se modificou, e para desenvolver suas mediações, este precisa se empoderar das novas tecnologias como forma de ampliar seu leque metodológico e sua capacidade de promover imersão. Melo e Biassio (2016) defendem a importância do cinema imersivo, não só por este tender a superar a muralha do tédio, mas por ser uma linguagem próxima dos alunos.

Assim, é importante começar a pensar em novas metodologias que rompam com o uso do cinema de forma precarizada e como ilustração de conteúdos didáticos, vistos apenas sob a forma de uma narrativa e pedagógica. É importante abordá-lo sob uma ótica da arte, pensá-lo como experiência que toca e modifica os sujeitos envolvidos. Trata-se de processos para além da ilustração de conteúdos. São necessárias novas propostas curriculares com vistas à construção do olhar imersivo na educação, um olhar que se constitua no imaginário, no psicológico e no emocional dos alunos.

Assim, a partir de pesquisas relacionadas com tecnologia na educação e o estabelecimento de pontes significativas com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e pesquisas sobre experiências com o cinema na escola, cine-educação na comunidade é que se defende um tripé metodológico para a ação educativa mediada por meio do cinema com fins de conhecimento da arte, da vida e de visões de mundo.

Nesse sentido, é importante que se trabalhe um antes, um durante e um depois frente à ação metodológica com o uso de cinema na sala de aula. Assim, é importante entender que:

[...] a experiência, para ser educativa, deve conduzir a um mundo expansivo de matérias de estudo, constituídas por fatos ou informações, e de ideias. Esta condição somente é satisfeita quando o educador considera o ensino e a aprendizagem como um processo contínuo de reconstrução da experiência (DEWEY, 1958, p. 118).

Desse modo, a preparação é a hora de semear aprendizagens. Nessa fase é de suma importância que os educadores entrem em contato profundo com o cinema, suas estruturas, seus alcances, e que desse modo, planejem seu uso junto ao público com o qual irão trabalhar.

Essa etapa é marcada pela procura das potencialidades didáticas do cinema, suas características técnicas, bem como as dos equipamentos que serão utilizados. Não esquecer a seleção minuciosa do filme, vendo duração, roteiro, enredo, adequação temática com o

público e pontes significativas com realidade. A cadência da aprendizagem será dada pela interatividade entre professor e aluno, e aluno e professor. De modo que:

Assim como homem nenhum vive ou morre para si mesmo, assim nenhuma experiência vive ou morre para si mesma. Independentemente de qualquer desejo ou intento, toda experiência vive e se prolonga em experiências que se sucedem. Daí constituir-se o problema central da educação alicerçada em experiência a seleção de experiências presentes, que deve ser do tipo das que irão influir frutífera e criadoramente nas experiências subsequentes. (DEWEY, 1971, p. 16 – 7).

A sessão de um filme em sala de aula deve ser acompanhada pelo professor, que deverá conduzir o processo de forma que os estudantes possam ser tocados pela experiência. Assim, o educador deverá explicar cada uma das etapas que integram essa vivência, ser sensível frente às intervenções dos alunos, construir um espaço dialógico capaz de estimular a curiosidade e a imersão crítica dos alunos-espectadores, promovendo desse modo, o desenvolvimento de habilidades comunicacionais, artísticas, verbais e não verbais para além da tela.

Nesse contexto, o aluno poderá fruir esteticamente com base nas visualidades oriundas do contato com o filme, desenvolvendo assim, processos criativos mais fluidos a partir da experiência de ver e de ser tocado de modo particular pelo vê. Desse modo, é a ampliação do seu olhar que aguçar-se-á seu aparato sensível que o permitirá produzir arte, desenhando, pintando, filmando e assim, fruindo com a arte de aprender com o cinema.

É importante oportunizar processos, materiais e locais distintos de interação e criação para que os educandos se sintam estimulados e felizes frente às experiências propostas e realizadas por meio do cinema na educação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema promove experiências educativas transformadoras em sala de aula e para além dela, pois permite a confluência de diversas linguagens numa mesma expressão. Em tempos em que as aprendizagens precisam atingir a um perfil de argonautas do ciberespaço, ocupado pelos alunos que são nativos digitais, a linguagem cinematográfica possui atrativos tecnológicos capazes de dialogar com essa identidade dos alunos da pós-modernidade.

Os resultados parciais do presente estudo indicam que o cinema é usado como forma de aprofundamento de algum conteúdo abordado na disciplina de arte, e ainda como forma de preencher a ausência de determinado professor ou de entreter os educandos. Assim, foi possível perceber que os entrevistados tem dificuldade em promover sessões de filme por conta da carga-horária que é pequena, bem como pela falta de recursos tecnológicos na escola, além da falta de familiaridade de boa parte dos professores com o uso de TIC's na educação. Ficou evidente o reconhecimento por parte desses professores, imigrantes digitais, da importância e necessidade de formação continuada nessa área e a dificuldade em custear essa formação sem uma parceria com as esferas administrativas da educação.

As pesquisas realizadas até aqui serão ampliadas e confrontadas com outras fontes, tendo em vista uma compreensão mais aprofundada sobre o uso da linguagem cinematográfica do cinema em sala de aula. No entanto, ficou perceptível por meio das falas dos entrevistados que há um descompasso entre os alunos, nativos digitais, e os educadores imigrantes digitais, que por não dominarem com a mesma facilidade as ferramentas tecnológicas, não conseguem desenvolver metodologias adequadas para o uso dessas ferramentas, e que por isso, não orientam para a pesquisa nessas novas áreas do conhecimento, e nem incentivam ligações entre essas novas áreas e os conhecimentos prévios dos educandos.

Foi possível observar que mesmo diante do contexto atual, onde a tecnologia possui amplo alcance, ainda existem estudantes e professores que não tem acesso aos bens culturais por ela gerados, a exemplo disso, a constatação de que uma parcela significativa dos estudantes nunca foi ao cinema, não conhecem a magia da grande tela.

Outra percepção é relacionada com o perfil tecnológico dos educadores que ainda não são familiarizados com os usos educativos do celular e dos laboratórios de informática, inexistentes na maioria das escolas, também foi possível verificar na fala desses professores, escolas onde esses espaços existem, mas se mantém fechados por conta de fatores como falta de técnico especializado e internet, e por fim, foi possível verificar o interesse desse público em participar de formações educativas que envolvam arte, educação e cinema na escola.

Neste sentido, a presente pesquisa encontra força no sentido de aprofundar os estudos sobre o cinema, o ensino de arte e a construção do olhar para que dessa forma possam ser sugeridas teorias e metodologias como de promover conhecimento no Ensino Médio Integrado.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. Editora Perspectiva, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (org.) **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais** – São Paulo: Cortez – 2010.
- BEINEKE, Viviane. **Teoria e prática pedagógica: encontros e desencontros na formação de professores**. Revista da ABEM, v. 6, p. 87-95, set. 2001.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, Nº 19, 2002.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da **Educação Nacional** – nº 9.394/96. Brasília, 20 de Dezembro de 1996.
- BRUNER, Jerome. **A Cultura da Educação**. Artmed Editora: Porto Alegre, 2001.
- CARVALHAL, Fernanda Caroline de Almeida. **Luz, câmera, educação! O Instituto Nacional de Cinema Educativo e a formação da cultura áudio-imagética escolar**. Dissertação apresentada à Universidade Estácio de Sá como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação, 2008. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Monica Rabello de Castro.
- CIPOLINI, Artele. **Não é fita, é fato: Tensões entre instrumento e objeto. Um estudo sobre o cinema na educação**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do grau de Mestre em Educação, área de concentração Linguagem e Educação, São Paulo, 2008.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- DOMINGO, Reinaldo Portal; ARAÚJO, Meire Assunção Souza. **Vídeoconferências na Educação a Distância: reflexões sobre o potencial pedagógico desta ferramenta**. Educação e linguagem, V-17, nº 02, 38-53, 2014.
- DUARTE, R. **Cinema & Educação**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DEWEY, John. *Experiência y Educación*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1958.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- DEWEY, John. *Experiência e Educação*. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- FARIA, Nelson Vieira da Fonseca. **A linguagem cinematográfica na escola: o processo de produção de filmes na sala de aula como prática pedagógica**. 2011. 90 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MELO. Lucas Bandeira e BIASSIO, de Caroline. **O cinema de imersão e a educação.** VI Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC) e V Seminário Nacional do PIBID, Curitiba, 12/2016.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** 4. Edição: Contexto, 2009.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants.** De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001).

SILVA, Rozangela Martins da. **Professores e seus repertórios sobre cinema e educação.** Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2015.